

Benzeção: prática cultural/religiosa de benzendeiras e parteiras tradicionais na capital Macapá

Elivaldo Serrão Custódio¹, Piedade Lino Videira², Fábio José do Espírito Santo Souza³, João Felype Barreto Ferreira⁴

Resumo

Neste artigo, abordaremos a benzeção, uma prática comum na Amazônia e em várias comunidades tradicionais do Estado do Amapá. As mulheres denominadas benzendeiras/curandeiras e/ou parteiras exercem um papel sociocultural e espiritual fundamental em suas comunidades. O presente texto trata-se de um trabalho reflexivo de cunho qualitativo que utilizou a pesquisa bibliográfica, a análise documental, a observação direta e a entrevista como forma de investigação. A pesquisa revelou que o conhecimento das benzendeiras/curandeiras e parteiras está ameaçado de extinção no Amapá porque as gerações atuais não demonstram interesse em aprender essa prática de cura. Outra ameaça consiste na mudança de religião de algumas dessas mulheres e/ou familiares que, ao ingressarem nas igrejas evangélicas neopentecostais, abandonam seu ofício/dom espiritual por ser considerado prática demoníaca nesses ambientes.

Palavras-chave

Parteiras Tradicionais do Amapá. Benzeção como Prática Cultural/Religiosa. Patrimônio Cultural Afroindígena.

1. Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Amapá, Brasil; professor da Faculdade Madre Tereza em Santana, Amapá, Brasil; professor efetivo da Secretaria de Estado da Educação do Amapá, Brasil. E-mail: elivaldo.pa@hotmail.com.

2. Pós-doutoranda em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará, Brasil; professora adjunta na Universidade Federal do Amapá, Brasil. E-mail: piedadevideira@bol.com.br.

3. Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá, Brasil; ativista do movimento cultural negro do Amapá, Brasil. E-mail: fabiomarabaixo@gmail.com.

4. Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Amapá, Brasil. E-mail: felype-ferreira@outlook.com.

Benediction: cultural/religious practice of blessers and traditional midwives in the Macapá, State of Amapá, Brazil

Elivaldo Serrão Custódio*, Piedade Lino Videira**, Fábio José do Espírito Santo Souza***, João Felype Barreto Ferreira****

Abstract

In this article we will address the benediction, a common practice in the Amazon and in several traditional communities of the State of Amapá. Women called blessers/healers and/or midwives play a fundamental sociocultural and spiritual role in their communities. The present text deals with a qualitative reflective work that used bibliographical research, documentary analysis, direct observation and interview as a form of investigation. The research revealed that the knowledge of blessers/healers and midwives is threatened with extinction in the state of Amapá, because current generations do not show interest in learning this practice of healing. Another threat consists in the change of religion of some of these women and / or relatives, who, when entering the Neo-Pentecostal evangelical churches, abandon their spiritual gift because it is considered a demonic practice in these environments.

Keywords

Traditional Midwives of Amapá. Benediction as Cultural/Religious Practice. Afroindigenous Cultural Heritage.

* Post-doctorate in Education, Federal University of Amapá, State of Amapá, Brazil; professor at the Madre Tereza College in Santana, State of Amapá, Brazil; an effective professor at the State Secretariat of Education of Amapá, Brazil. E-mail: elivaldo.pa@hotmail.com.

** Postdoctoral researcher in Brazilian Education, Federal University of Ceará, State of Ceará, Brazil; assistant professor at the Federal University of Amapá, State of Amapá, Brazil. E-mail: piedadevideira@bol.com.br.

*** Undergraduated student in Pedagogy, Federal University of Amapá, State of Amapá, Brazil; activist of the black cultural movement of Amapá, Brazil. E-mail: fabiomarabaixo@gmail.com.

**** Undergraduated student in Pedagogy, Federal University of Amapá, State of Amapá, Brazil. E-mail: felype-ferreira@outlook.com.

Introdução

Historicamente, as práticas de benzeção e das parteiras na Amazônia e no Amapá são indispensáveis e relevantes para a proteção da vida dos povos que habitam os diversos territórios que dão identidade e singularidade à Região Norte. A benzeção é uma prática de cura transmitida de geração a geração realizada especialmente por mulheres, que, muitas vezes, permanecem ocultas ou sem visibilidade. Quanto ao termo “benzeção”, neste trabalho usaremos o conceito trazido por Cavalcanti; Fernandes; Barros (2007, p. 114), para os quais benzeção “são práticas que envolvem reza ou recitação de fórmulas acompanhadas de gestos adequados com galhos igualmente apropriados ao tipo do mal”.

No estado do Amapá, as parteiras sempre desempenharam um papel social fundamental no cotidiano de suas comunidades, pois seus dons e missão espiritual eram e são muito importantes nos espaços populacionais em que o serviço de saúde não consegue chegar. A presença dessas mulheres possuidoras de tão distinta e fundamental atuação social e cultural/espiritual/mística possibilita que muitos dos filhos do Amapá venham ao mundo e sejam curados de doenças espirituais.

Segundo o livro “Bruxas, parteiras e enfermeiras: uma história das curandeiras” das autoras Barbara Ehrenreich e Deirdre English, publicado pela primeira vez em 1973, as mulheres sempre foram conceituadas como parteiras/curandeiras. Para as autoras,

Elas foram as primeiras médicas e anatomistas da história ocidental. Eram também enfermeiras, conselheiras e realizavam abortos. Foram as primeiras farmacêuticas com seus cultivos de ervas medicinais, compartilhando os segredos dos seus usos. Durante séculos, as mulheres foram médicas sem diploma, excluídas dos livros e das palestras, aprendendo umas com as outras e passando suas experiências entre

vizinhas e de mãe para filha. (EHRENREICH; ENGLISH, 1973, p. 3).

Face ao exposto, neste artigo abordaremos a benzeção, uma prática de cultura popular comum na Amazônia e em várias comunidades tradicionais do Estado Amapá, na qual as mulheres denominadas de benzendeiras/curandeiras e/ou parteiras exercem um papel sociocultural e espiritual fundamental em suas comunidades que consiste em colocar à disposição das pessoas seu dom espiritual de curar os males do corpo e do espírito, por meio do poder da reza e das plantas medicinais.

Quanto à questão da “cultura popular”, apoiamo-nos nos estudos de Brandão (1980) que diz que a cultura popular está intimamente ligada à religião. Sobre essa questão o autor declara:

Talvez a melhor maneira de se compreender a cultura popular seja estudar a religião. Ali ela aparece viva e multiforme e, mais do que em outros setores de produção de modos sociais da vida e dos símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados, entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos. (BRANDÃO, 1980, p.15).

Assim, o presente artigo trata-se de um trabalho reflexivo de cunho qualitativo sobre cultura popular e as práticas culturais/religiosas de benzendeiras e parteiras tradicionais no contexto amazônico. O texto tem base fundamentada principalmente nos estudos de Pacheco (2010; 2012), Boyer (2008), Nogueira; Versonito; Tristão (2012), entre outros.

O texto trata-se ainda de uma análise bibliográfica e documental que utilizou a observação direta e a entrevista como forma de investigação. Na coleta de dados, entrevistamos as benzendeiras e parteiras Maria Raimunda Queiroz, da Câmara da Comunidade do

Ajudante, e Isabel Maria Lino do Espírito Santo (Tia Zefa), moradora do bairro Pacoval na capital Macapá⁵. Por ocasião das entrevistas pedimos permissão para fotografar os locais sagrados e artefatos culturais/religiosos que as nossas entrevistadas utilizam em seus trabalhos de cura.

O município de Mazagão, que fica a alguns quilômetros de distância da capital Macapá não dispõe de maternidade, em decorrência disso, as mulheres parteiras no contexto da Amazônia e do município de Mazagão viraram referência para as mulheres grávidas na hora do parto. Na capital, ainda encontramos mulheres que exercem essas práticas até os dias de hoje, recebendo pessoas de várias comunidades do interior do Amapá e do Pará.

Por mais que tenha havido um relevante avanço nas práticas e nos estudos acadêmicos/científicos no âmbito das áreas de saúde e tratamento de doenças em nosso país, em significativa maioria das comunidades que circundam os rios e comunidades afrodescendentes, mesmo nos bairros urbanos considerados periféricos, onde a maioria da população vive em situação de pobreza sistêmica, a busca pelas parteiras se torna essencial. É uma prática cultural e um alento, já que a essas pessoas o atendimento médico especializado na rede pública de saúde, não está disponível e/ou é oferecido em muitos casos sem condições mínimas de qualidade.

Nesse sentido, o trabalho de cura das parteiras faz parte do que se convencionou nomear de “medicina popular”, na qual saúde e espiritualidade estão imbricadas e podem ser percebidas a partir da crença nos/as santos/as católicos/as aliados a entidades espirituais presentes no cotidiano intercultural religioso afroindígena local, que dita as singularidades dessas múltiplas identidades amazônicas e

amapaenses que podem ser lidas, observadas e compreendidas no ofício de benzeção das benzendeiras e parteiras tradicionais.

A respeito das benzenções, Nogueira, Versonito e Tristão, (2012, p. 2) descrevem que era costume de camponeses “levarem animais para a basílica para receberem a bênção do padre e, assim, livrarem-se de doenças e enfermidades, prática da Idade Média que, com o passar do tempo, foi sendo desenvolvida por não sacerdotes, o que a igreja chama de leigos”. Sobre esses fatos e práticas, Ribeiro (2016) diz que tudo se iniciou com a chegada dos portugueses no ano de 1500, quando houve mistura entre os hábitos culturais dos europeus com os dos indígenas. Em outro momento, e talvez um dos mais promissores para a formação da diversidade cultural e religiosa brasileira, a contribuição decorreu da imigração forçada do povo africano. Segundo Ribeiro (2016, não paginado),

A culinária africana misturou-se à indígena e à europeia; os valores do catolicismo europeu fundiram-se às religiões e aos símbolos africanos, configurando o chamado sincretismo religioso; as linguagens e vocabulários afros e indígenas somaram-se ao idioma oficial da Coroa portuguesa, ampliando as formas possíveis para denominarmos as coisas do dia a dia; o gosto pela dança.

Diante desse contexto, percebemos, portanto, que essas práticas são exercidas no Brasil desde muito tempo, representando a união entre as práticas culturais/religiosas nativas dos povos indígenas, portugueses e africanos. E o Amapá não está fora desse cenário, principalmente com a influência de portugueses que, em 1751, a mando do governador Mendonça Furtado, enviaram uma expedição para que fosse fundada uma nova povoação, provisoriamente denominada de Vila de Macapá, de negros

5. Para o desenvolvimento desta pesquisa, seguimos os procedimentos éticos para a realização de pesquisas acadêmicas envolvendo seres humanos, conforme postula a Resolução n. 466/2012 do Comitê de Ética da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Nesses procedimentos, inclui-se o pedido de autorização para uso de imagem e narrativas das entrevistadas através do preenchimento do Termo de Esclarecimento Livre Esclarecido.

vindos para a construção da Fortaleza de São José de Macapá. Ao se juntar com os indígenas nativos, ambas as culturas influenciaram as práticas de benzeção local (BRITO, 2014). Entretanto, as relações de benzeção podem mudar de acordo com o contexto e a realidade sociocultural e religiosa de quem a pratica.

Por essas e outras razões escolhemos trazer para enriquecer as discussões neste trabalho, as experiências e vivências através de narrativas orais de duas parteiras que também realizam a benzeção⁶, as senhoras Raimunda Queiroz, de 67 anos, moradora da Vila do Ajudante, localizada no município de Mazagão, e Isabel Maria Lino do Espírito Santo (Tia Zefa), moradora do bairro do Pacoval, em Macapá. Por fim, para efeito de entendimento e conceituação, denominaremos as práticas de benzeção e de parteira de Raimunda Queiroz como “benzeção de barriga” e da Tia Zefa como “benzedeira e parteira”, já que ambas são indissociáveis, conforme descreveremos a seguir.

A benzeção de barriga desenvolvida pela parteira tradicional Raimunda Queiroz da comunidade do ajudante⁷

Raimunda Queiroz, de 67 anos, filha de José Arruda da Câmera e Maria Queiroz do Rosário, realiza o trabalho de benzeção e de parteira. Nascida no distrito do Mazagão Velho e atualmente moradora da Vila do Ajudante, Dona Raimunda estudou até a quinta série e, por falta de condições, não concluiu a escolaridade. Parte da sua vida foi dedicada às atividades agrícolas.

Vale ressaltar a origem familiar de Raimunda Queiroz. Sua família é originária de Mazagão Velho, Distrito de Mazagão, por isso Raimunda Queiroz se identifica, assim como

o restante da comunidade, como de origem negra e afrodescendente. Segundo Boyer (2008 p. 6), “Hoje em dia, boa parte da população [de Mazagão Velho] se declara descendente dos africanos”. Vejamos a figura de Raimunda Queiroz a seguir:

Figura 1 – Raimunda Queiroz, benzedeira



Fonte: Amapá, 2018.

A mãe de Raimunda Queiroz era uma parteira muito conhecida na região, e ensinou as práticas à filha. Raimunda não lembra ao certo a idade em que começou a fazer os partos e a benzer. Lembra que, antes de morrer, Maria Queiroz passou a ela as incumbências de fazer parto na região de Mazagão, mais especificamente nas áreas de Mazagão Velho, Ajudante, Carvão e Foz de Mazagão. A entrevistada conta como foi o início da benzeção: “ela mesma quando ela tava doente ela já me mandava eu fazer o parto, eu nunca tinha feito um parto”. Desde o início das atividades de Raimunda Queiroz, as orações não estiveram desassociadas do parto. Ainda sobre o primeiro parto, relembra Raimunda: “ela me passou lá pra banda da cabeça dela aí ela rezou, rezou até que ela teve uma criança, mas deu muita hemorragia nela”.

6. As práticas de benzeção e de parteira são diferentes, nem toda parteira é benzedeira. Dona Raimunda tem a prática das duas atividades.

7. Optamos pela originalidade da fala das entrevistadas, pois daremos ênfase às práticas realizadas pelas entrevistadas.

Raimunda Queiroz aprendeu as orações repassadas por Maria Queiroz no primeiro parto que realizou. A referida experiência associada ao curso realizado pelo governo do estado do Amapá, intitulado “As parteiras tradicionais”, como se observa na fala de Maria Queiroz, foi fundamental para sua qualificação como parteira de barriga: “Doutor João Batista me pediu pra mamãe pra mim fazer um curso, aí nós ‘fumo’, nós ‘fumo’ fazer esse curso”. O curso aperfeiçoou as técnicas de parto, sendo que a mãe de Raimunda já não podia ensinar a parte do parto “aí eu fui aprendendo através disso, mamãe me ensinou esse pedaço, ela não me ensinou que não podia mais, reza, tudo ela me ensinou”.

O trabalho de parteira continua praticamente o mesmo, sendo acrescentadas as orações que caracterizam a benzeção. Raimunda Queiroz se encaixa no perfil de benzedeira, conceito este desenvolvido pela antropóloga Oliveira (1985), quando expressa que popularmente existem ainda diversas pessoas que praticam a benzeção e que incorporam tal prática a sua profissão ou forma de vida. Vejamos um trecho da fala de Raimunda Queiroz:

Eu puxo elas, puxo, puxo às vezes a dona do corpo que é, a gente tem um um... a dona do corpo que uns chamam outros chamam esqueço como eles chamam. A gente puxa as vezes ela tá toda espalhada, mas é o vento que espalha, não deixa ficar no lugar, puxo, puxo, puxo...

A puxação sempre foi de barriga, como Raimunda Queiroz relata. É comum à prática de outras parteiras, o que a diferencia são as orações (benzimento): “Puxando vai rezando puxando e rezando e rezando para que ela não saia do lugar, só que não posso dizer qual é a reza que eu rezo”. Sobre essas práticas

culturais e religiosas, Lévi-Strauss (1975) relata que estão intimamente associadas à crença de quem executa a prática e de quem a recebe:

Não há, pois, razão de duvidar da eficácia de certas práticas mágicas. Mas, vê-se, ao mesmo tempo, que a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam a cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça. (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 194).

Verificamos no decorrer da história que essa relação com a cura de doenças e a prática da benzeção sempre foi perseguida pela Igreja Católica desde a Idade Média, como afirmam os autores Nogueira, Versonito e Tristão (2012). Perseguidas e condenadas pela Igreja, essas práticas tiveram o êxito de sobrevivência maior nos interiores do Brasil, aonde os olhos da Igreja não chegavam, ou se chegavam era por pouco tempo⁸, como é o caso da benzedeira de barriga, Raimunda Queiroz, que mora longe do centro da cidade e da paróquia. Isso justifica a resposta sobre a qual foi indagada, se alguém da instituição religiosa já tinha falado mal das práticas de benzeção do parto.

Os membros da comunidade que fazem parte da vida cotidiana de Raimunda Queiroz “são gente mesmo lá da comunidade”, ela afirma, então eles mesmos utilizam dos serviços e dirigem as atividades da Igreja. Relatos de interferências sobre a prática da benzeção são frequentes, o caso não acontece na comunidade do Ajudante, pois quem dirige as atividades da Igreja na comunidade são as próprias pessoas da comunidade que vivem aquela realidade.

8. A organização das visitas do clérigo nas comunidades distantes é de uma vez no mês, variando em até uma vez no ano.

A benção: a “cura” e os partos realizados pela tia Zefa

Consideramos importante apresentar uma breve biografia e uma fotografia da entrevistada para que sua imagem seja divulgada e seu papel social e ofício cultural/espiritual seja (re) conhecido como patrimônio cultural e religioso amazônico. Sentimos imensa emoção em termos recebido permissão da matriarca da Família Lino do Espírito Santo⁹, parteira, benzedeira/curandeira, Isabel Maria Lino do Espírito Santo, de 81 anos. Nascida em 8 de dezembro de 1936, em uma comunidade do interior do Município de Macapá, Comunidade do Matapí, Tia Zefa, como é conhecida, ao citar seu local de origem, nos diz: “Eu nasci no rio Matapí, depois eu vim pra Macapá, mas a minha origem é no Matapí”.

Tia Zefa tem uma ligação muito forte com suas origens, e sempre busca lembrar isso, pois foi onde tudo começou, sua trajetória de vida espiritual, contato com a natureza e seus vínculos familiares. Tia Zefa realiza três festejos durante o ano em homenagem aos seus santos católicos de devoção: no dia 23 de junho, São João Batista; no dia 30 de agosto, São Raimundo Nonato, e nos dias 23 e 24 de dezembro, Menino Deus, considerado o Padroeiro da Família. Sua família é numerosa: 6 filhos biológicos, 30 filhos adotivos, 52 netos e 46 bisnetos.

Figura 2 – Tia Zefa na procissão das Bandeiras, na festa de Menino Deus em dezembro de 2014



Fonte: Acervo da família de Tia Zefa (2014).

A reverência que Tia Zefa faz ao seu local de origem é uma evidência da singularidade que permeia os povos amazônicos, seus cotidianos e suas identidades culturais conforme afirma Pacheco (2012, p. 198):

Em tempos contemporâneos, essas cosmologias vêm sendo continuamente reafirmadas por meio da recriação de saberes,

9. O termo Espírito Santo, da Família de Tia Zefa é sem o acento, devido aos registros legais dos membros familiares.

danças, cantos, religiosidades e outras sociabilidades como expressões de patrimônio cultural material e imaterial afroindígena neste portal da Amazônia.

Nesse sentido, nota-se que as práticas culturais afroíndigenas tecem relações cotidianas em espaços que contam com a presença das benzedeiiras/curandeiras e parteiras. Em torno dessas sábias mulheres nasce uma sociável dinâmica de vida que se desenvolve com o passar do tempo. Consideramos o conhecimento expressado através do ofício das parteiras, ora apresentadas, uma forma de conhecimento ancestral que foi repassado por meio da oralidade de geração a geração, o qual é um exemplo tácito de mais um legado patrimonial, que legamos de nossos ancestrais indígenas, negros e portugueses.

Para tanto, Pacheco (2012) adverte que há uma necessidade de desenvolvimento de estudos e pesquisas que busquem conhecer, compreender, valorizar, visibilizar e respeitar a história dos povos excluídos social e culturalmente para que eles e a sociedade abrangente aprendam a preservar suas heranças culturais, seus costumes e identidades.

A compreensão desse processo, contudo, não é negar as tradicionais identidades culturais com as quais os habitantes da região operam para falar de si, de sua história e cultura, mas abrir brechas nos discursos essencialistas e guetizadores sobre identidade. (PACHECO, 2012, p. 200).

No entanto, essa compreensão das tradições a partir das práticas religiosas das benzedeiiras e parteiras deve ser fortalecida, pois é necessário compreendê-las como a identidade da Amazônia, através do seu misticismo e das misturas africanas, indígenas e portuguesas. Portanto, essa compreensão fortalece os laços com a cultura e identidade de um povo, principalmente daquelas comunidades que

têm a oralidade como meio de transmissão de valores culturais.

Tia Zefa fala sobre quem orienta as suas práticas religiosas: “Quem me orientou foi a Tia Astrogilda, a Tia Astrogilda me orientou bastante nessa orientação. E quem auxilia, posso falar o nome: é o Zé Buiuçu e a Caboca Mariana”. Ao analisar quem orienta as suas práticas, podemos identificar que as divindades estão muito presentes no seu cotidiano. Essas divindades estão presentes na Umbanda, sendo que os caboclos e outras entidades são quem estabelece essa conexão entre o mundo sobrenatural e o mundo humano.

Tia Zefa afirma que é católica, e tem relação muito forte com a ancestralidade afroindígena, por vez que a prática religiosa está em uma dimensão superior, e que esses guias são intermediadores e transmitem o amor e a cura para as doenças das pessoas que a procuram.

Figura 3 – Tia Zefa em frente ao altar com seus santos de devoção, na festa de São Raimundo.



Fonte: Acervo da Família de Tia Zefa (2014).

A cura realizada por tia Zefa está fortemente ligada à sua prática de benção e outras através de remédios caseiros, feitos com as plantas medicinais.

Eu ensino muito bem, eu utilizo malvarisco,

arruda, cravo, hortelão e a vassorinha¹⁰. São utilizados por causa de eu benzer e quando vem com febre, mal olhado é que eu benzo com a vassorinha, e com outro eu faço chá, pra ser tomado. Mas utilizo é a vassorinha, pra benzer. (Tia Zefa).

Em seu ofício como parteira, do qual Tia Zefa se dedica com devoção, podemos observar seu orgulho em relação ao seu dom espiritual: “Eu sou parteira, já fiz uns quantos partos. 105 partos. Todos estão vivos, depois de grande faleceu umas parenta nossa e uns filho nosso também”. A fala da entrevistada ressalta a dimensão de ser parteira, um ofício passado pela oralidade, e mostra a sabedoria do povo e a solução das situações, sendo sempre orientados pelos seres divinos existentes no mundo.

Pudemos depreender do diálogo que realizamos com a entrevistada, que sua fé e devoção não são circunscritas e, por conseguinte, não se opõem. Ou seja, Tia Zefa frequenta normalmente a Igreja, e ainda fala: “Frequento a Igreja da Aparecida [Nossa Senhora Aparecida, no bairro Pacoval onde mora], São José [padroeiro da cidade de Macapá], vou na procissão, na São Benedito [padroeiro do bairro do Laguinho, conhecido historicamente como bairro de negros]”. Nesse sentido, podemos citar Pacheco (2010, p. 90), que diz que: “o campo religião se constituiu, historicamente, em espaço de intensa perseguição por parte dos poderes eclesiásticos e civis contra rituais afroindígenas”.

Podemos inferir que, para Tia Zefa, não existe proibição quando se trata de fé. Nem impossibilidade de vivenciar várias formas e lugares sagrados concomitante, ou seja, sem precisar escolher um ou outro. Para ela, quanto mais formas de se aproximar e estar com Deus for possível, melhor e mais proteção se terá. Entretanto, na contramão da compreensão da dimensão intercultural e

religiosa adotada pela Tia Zefa têm-se uma centena de milhares de pessoas que pregam o racismo religioso e o ódio, especialmente contra as práticas culturais/religiosas de matriz africana.

Figura 4 – Altar com as imagens dos santos Católicos de Tia Zefa



Fonte: Acervo pessoal de Fábio José do Espírito Santo Souza (2017).

Mesmo diante de um cenário intolerante como esse, segundo o historiador, os praticantes de religiões não oficiais em nosso país desenvolveram estratégias de sobrevivência a fim de se proteger de ataques por motivações religiosas.

Nas artimanhas desenhadas para burlar controle e intolerâncias, nações indígenas e africanas refizeram espaços do sagrado, inseriram outros repertórios e oráculos de matrizes culturais diversas, alguns para enlaçar empréstimos e influências recíprocas, outros para usar a arma dominante e não se deixar encapuzar. (PACHECO, 2010, p. 90).

Diante do exposto, queremos ressaltar que as benzedeadas e parteiras do Estado do Amapá, constituíram seus lugares sagrados dentro de suas próprias casas, onde realizam

10. As plantas medicinais são plantas utilizadas para curas de doenças, ou seja, cada planta serve para uma determinada doença. Por exemplo, o Malvarisco serve para ser colocado em cima de inflamações e inchaços ocasionados por quedas, infecções e outros.

seus rituais e seus atendimentos. É muito comum vermos pessoas vindas de muito longe para receberem o atendimento e serem tratadas. Por isso que os espaços onde ocorrem os atendimentos são sagrados, por mais que outras pessoas transitem nesse espaço, no caso seus familiares, mas entendem que há divindades que estão ali presentes.

Entre respeito, tolerância e necessidade de equacionar mudanças de mentalidades, os sentidos assumidos pela religião na vida do povo fazem-na reconhecer que é preciso valorizá-los, preservá-los, pois são tradições assentadas em raízes profundas e consistentes. (PACHECO, 2010, p. 97).

O respeito para com as pessoas que têm essa missão espiritual e religiosa varia muito, mas Tia Zefa, ao ser questionada pela posição das pessoas acerca de suas práticas religiosas, enfatiza a presença de entidades da religião de matriz africana: “Não, ainda não falaram e que eu aí também meus orixá sempre vem me acompanhar e a caboca Mariana e o Zé Buiúçu. Eu vou ajudar, eu ajudo nessa posição”. Então, a divindade ajuda nessa relação com as pessoas, sendo que o que se mais quer é o amor e o respeito pelas diferenças e as práticas que cada um tem ou pode vir a ter na sua vida.

Figura 5 – Tia Zefa realizando benzeção numa criança



Fonte: Acervo da família de Tia Zefa (2014).

Para tanto, vemos a importância do conhecimento religioso dessas pessoas para a sociedade, tendo em vista que transmitem o cuidado com o meio onde vivem e boas relações com as pessoas. Nesse sentido, Nunes e Pacheco (2012, p. 3) comentam que: “A valorização da memória nas pesquisas sociais, entre outros objetivos, permite questionar a maneira e os sentidos como uma determinada memória é legitimada e hegemônica”. Ou seja, é preciso registrar os saberes populares existentes que ajudam no desenvolvimento humano através da história. Partindo desse

contexto, vemos a importância da memória das pessoas mais velhas para uma sociedade, e, de modo especial, para a Amazônia, onde nas comunidades essas memórias são preservadas.

Eu tive sonho, muito sonho eu tive. Assim que eu trabalhava e fazia qualquer coisa assim, mas eu não entendia, eu sofri muito, muito mesmo, pelos sonhos. Falavam... eles orientam muito bem, alguma palestra que eles me deixam até encucada, mas aí na palavra santa de misericórdia, eles são tudo acompanhado pela gente. (Tia Zefa).

A necessidade da análise dos fatores que constituem a vida religiosa dessas pessoas que exercem uma função espiritual popular dentro das comunidades vai mostrando que a real necessidade dos indivíduos em procurar ajuda para curar suas enfermidades ou até mesmo trazer novos seres humanos ao mundo, é troca de saberes, em se entender que a vida do ser humano, sempre é ligada com tudo que está a sua volta, ou seja, com a natureza, e isso nos diz que é sempre uma troca, dar para receber, exercitar a humanidade entre os homens.

Quanto à dimensão afroindígena no contexto amazônico, Pacheco (2010, p. 92) nos informa que “ao longo desses séculos, a história regional foi alinhavada por práticas de exploração, dizimação, resistência e astuciosas reatualizações de populações portadoras de saberes e religiosidades afro-indígenas”. No entanto, ainda hoje, essas comunidades resistem ao tempo mantendo sua memória, costumes e tradições.

Algumas considerações

A realização dessa pesquisa foi uma experiência única para todos que cresceram ouvindo falar e recorrendo às benzedeiras/ parteiras e às curandeiras de Macapá para curar seus familiares e a seus próprios males do corpo e do espírito. De repente, nos

deparamos com as notícias de adoecimento e consequente falecimento dessas mulheres, ocasionando a suspensão de seus atendimentos e realização de trabalhos de cura e benzeção.

Essa evidência nos causou grande preocupação, devido à relevância dessas mulheres negras nos territórios de expressiva presença negra e de famílias pioneiras da cidade de Macapá. Sem elas e seus serviços de cura, ficaremos desassistidos e vulneráveis, já que a prestação de serviços de saúde é precária na cidade de Macapá. Além de que nem todas as doenças podem ser curadas pela medicina eurocêntrica.

Os povos da floresta: indígenas, quilombolas e ribeirinhos em geral, sabem e têm fé no poder de cura das rezas e benzeções cultuadas histórico-culturalmente na Amazônia e no Estado do Amapá. Logo, as “mulheres que curam”, homenageadas e visibilizadas neste artigo, Raimunda Queiroz, de 67 anos, moradora da Vila do Ajudante, localizada no município de Mazagão, e Isabel Maria Lino do Espírito Santo (Tia Zefa), moradora do bairro do Pacoval, em Macapá, representam a riqueza cultural viva, dotada de precioso conhecimento tradicional de manipulação de plantas e ervas medicinais e espiritualidade presente no ofício das parteiras/benzedeiras e curandeiras.

Acreditamos que a relevância dessas “mulheres que curam” tenha ficado evidente com a pesquisa, mas precisamos mencionar um dado preocupante que a investigação revelou: o conhecimento das benzedeiras/ curandeiras e parteiras está ameaçado de extinção no Estado do Amapá, porque as gerações atuais, em geral, não têm demonstrado interesse em aprender essa prática de cura; e a mudança de religião de algumas dessas mulheres e/ou familiares que, ao ingressarem nas igrejas evangélicas neopentecostais, abandonam seu ofício/dom espiritual por ele ser considerado prática demoníaca.

Consideramos oportuno reiterar o conhecimento agregado por Raimunda Queiroz

e Isabel Maria Lino do Espírito Santo, entre tantas outras mulheres no contexto brasileiro. São mulheres que praticam o ato de curar, que compartilham suas vivências e experiências de seu modo de benzer e desenvolver processos de cura e feitura de partos de infantes. São evidências da singularidade de um conhecimento ancestral/cultural/religioso fundamental no território amazônico, o qual deve ser preservado, reconhecido e valorizado como patrimônio cultural imaterial nacional.

Por fim, consideramos as parteiras e benzedoras memórias vivas que devem ser

valorizadas, reconhecidas e respeitadas em suas particularidades. Para tanto, precisamos visibilizar a importância dessas “mulheres que curam” nas suas comunidades, compreender as dimensões religiosas afroindígenas que caracterizam seu modo de vida e herança ancestral, bem como reconhecer a ligação existente entre elas, o ser divino e a cooperatividade nas suas relações com as pessoas. Tudo isso as singularizam como mestras da cultura, da religiosidade e possuidoras de um dom, que não é comum a todos os seres humanos.

Referências

AMAPÁ. **Dia Internacional da Parteira**. 2018. Disponível em: <https://www.portal.ap.gov.br/noticia/0505/dia-internacional-da-parteira-celebra-trabalho-que-salva-vidas>. Acesso em: 15 set. 2018.

BOYER, V. Passado português, presente negro e indizibilidade ameríndia: o caso de Mazagão velho, Amapá. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 28, v. 2, p. 11-29, 2008. Doi: 10.1590/S0100-85872008000200002.

BRANDÃO, C. R. **Os deuses do povo**. São Paulo: Editora S.A., 1980. 302 p.

BRITO, J. F. de L. **A Fortaleza de Macapá como monumento e a cidade como documento histórico**. 2014. 265 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2014.

CAVALCANTI, B. C.; FERNANDES, C. S.; BARROS, R. R. de A. (org.) **Kulé-Kulé: afroatitudes**. Maceió: EDUFAL, 2007.

EHRENREICH, B.; ENGLISH, D. **Bruzas, parteiras e enfermeiras: uma história das curandeiras**. Traduzido pela Editora Subita, 1973. Disponível em: https://we.riseup.net/saude_autonomia/bruzas-parteiras-e-enfermeiras. Acesso em: 25 abr. 2018.

PACHECO, A. S. Encantarias afroindígenas na Amazônia Marajoara: narrativas, práticas de cura e (in)tolerâncias religiosas. **Horizonte**, Belo Horizonte, n. 7, p. 88-108, abr./jun. 2010. Doi: 10.5752/P.2175-5841.2010v8n17p88-108.

PACHECO, A. S. Cosmologias afroindígenas na Amazônia Marajoara. **Projeto História**, São Paulo, n. 44, p. 197-226, jun. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/10219/9821>. Acesso em: 25 abr. 2018.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. 432 p.

NOGUEIRA, L. C.; VERSONITO, S. M.; TRISTÃO, B. D. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas - o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. **Élisée**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 167-181, jul./dez., 2012. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/viewFile/1290/693>. Acesso em: 25 abr. 2018.

NUNES, A. C. M.; PACHECO, A. S. Arte (manhas) da cultura afroindígena: trajetórias e experiências de Mestre Damasceno pelo Marajó dos Campos. **Boitatá**, Londrina n. 13, p. 1-19, jun.-jul. 2012. Disponível em: <http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.inf.br/site/arquivos/revistas/1/augusto%20e%20agenor.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2018.

OLIVEIRA, E. R. de. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 110 p.

RIBEIRO, P. S. Cultura brasileira: da diversidade à desigualdade. **Brasil Escola**, 2016. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cultura-brasileira-diversidade-desigualdade.htm>. Acesso em: 15 set. 2018.

Submetido em 11 de novembro de 2018.

Aprovado em 20 de dezembro de 2018.